

## O HOMEM A CAMINHO ESTÁ

PAULA GÂNDARA

Professora de Literatura

Oxford, Ohio, EEUU, 22 de agosto de 2021.

Caro Luiz, com muito atraso e muitas desculpas agradeço-lhe, finalmente, seu livro. Que leio e releio. E que lendo e relendo me trazem novas palavras, novos sonhos, novos mundos... não tão joycianos, mas ainda assim, em si enraizados, mais do que em Joyce pois que foi da sua palavra - do seu livro - que nasceram as palavras outras que lhe dedico. Obrigada pelo carinho, pela paciência! Mas, afinal, não estou falando com o comum dos mortais... não há mortal comum que possa traduzir Joyce!

Sua análise é brilhante e, acima de tudo, ela é a abertura de mil mundos... Seu livro é muito mais que uma releitura de Joyce, ou uma "tradução", ele é também o princípio de mil poemas, vozes, traumas infantis, pesadelos convertidos em palavras oníricas e, ao mesmo, tempo precisas. Isso sim, é uma beleza!! Gostei demais!! É um livro que não se acaba em cima mas que se abre e se divide em mil outros... Acredite que em mim terá uma leitora ávida, e mais, uma "prosseguidora" das suas palavras porque de algum modo elas acordam em mim outras tantas palavras, que nem sabia que tinha. Obrigada

---

### Para Luiz-Olyntho Telles da Silva, 1

*August 22, 2021*

... rememoremos com os remos da memória

enquanto se afundam lentamente as letras

e à vista nua não sobram mais que violetas;

as primeiras flores, compradas de coração

no chão.

Conheço o medo medonho de montar

nas costas do demo

os pés flutuando e o corpo que em ventos

submersos nas asas suas

sua

condensando em águas mil

a vida da violeta veludosa e insensatamente  
quente olorosa  
unção balsâmica afinal  
encontrada após a predestinada montadura,  
endemoninhado sonho  
de onde mal se escapa com vida.

Submergem-se as palavras no rio  
onde as lavadeiras batem a roupa  
no canto que veste os homens  
nus  
sempre nus.

Bestas sem música que não seja a do grito de Isolda.

Gritamos juntas.

E sobre nosso surdo grito a quentura doce do veludo violeta  
onde nos mergulhamos  
por querer  
Ondas roxas de violas odoradas recebem húmidas  
nossos gritos surdos  
nossos peitos mudos  
e o mundo inteiro se aquieta  
junto ao demo  
que matematicamente seca o leito do rio.

## Para Luiz-Olyntho Telles da Silva, 2

*August 22, 2021*

Disseram que eram frutos da mesma árvore  
todos mais ou menos amendoados, e longos

de cabelos, e lisos de peitos.

A primeira da longa vagem que viaja  
solta pelo futuro bruxuleante afora,  
chegada antes dos demais  
ida estará antes que eles se cheguem do fim.

Assim É.

Hereditariamente não marca o princípio  
dos que virão mas apenas o precipício  
dos que se irão  
antes dela.

Precipitado já o pai nas ondas de sua voz  
foi-se o homem armado com o amor  
da menina  
que sem calcinhas  
cantava para os demais.

Surdos e Cegos Fraternos Irmãos  
que ao saber da queda inicial  
enterraram a cabeça na terra.

Aleijada na aleivosia do leito  
ali fica

ela

a primeira

de nada

a única cuja voz soou

pelada

pelo eco da morte em que ele não se acabou.

É sempre assim

são nossos pais quem nos enterram no jardim.